



AS PRIMEIRAS-DAMAS OLÍMPICAS DO ATLETISMO BRASILEIRO, 1948-1984

Resumo - O artigo apresenta temas emergentes do percurso de uma pesquisa sobre a história das primeiras atletas femininas a disputarem provas olímpicas de atletismo. A pesquisa culminou na exposição “As Primeiras-Damas Olímpicas do Atletismo Brasileiro, 1948-1984”, realizada no final de 2024 no Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro, com público de mais de 17 mil visitantes. A construção do conteúdo da exposição e a curadoria trataram de como, ao longo de dez edições dos Jogos Olímpicos, de 1948 a 1984, as mulheres foram a cada edição adquirindo o direito de disputarem no atletismo as mesmas provas que os homens, com a prova da maratona feminina só tendo sido autorizada em Los Angeles, em 1984. O objetivo da pesquisa, de reconstruir e contar as histórias das 16 atletas que compuseram as equipes brasileiras femininas de atletismo nesse longo recorte temporal, foi dar rostos às atletas e às suas conquistas, além de resgatar suas lutas como mulheres, inspirando novas gerações de atletas e trazendo contribuição científica com o registro visual de uniformes, símbolos, reportagens jornalísticas e personagens dessa história não contada. A pesquisa iconográfica em periódicos e demais fontes bibliográficas nos revelou como ia se dando o apagamento das atletas, que apesar de nominalmente mencionadas, eram quase sempre preteridas por fotografias dos atletas masculinos, e em diversos casos suas histórias estiveram por um fio de desaparecer. O artigo ilustra essas referências apresentando as histórias de seis dessas atletas, a primeira equipe feminina a representar o Brasil no atletismo Olímpico, nos Jogos Londres, em 1948, tendo como pano de fundo os principais marcos do atletismo feminino mundial.

Palavras-chave: atletismo; esporte; design expográfico; olimpíada.

THE FIRST LADIES OF BRAZILIAN OLYMPIC ATHLETICS, 1948–1984

Abstract - The article presents emerging themes from the trajectory of a research project on the history of the first Brazilian female athletes to compete in Olympic track and field events. The research culminated in the exhibition “The First Ladies of Brazilian Olympic Athletics, 1948–1984”, held at the end of 2024 at the Centro Cultural Correios in Rio de Janeiro, which attracted more than 17,000 visitors. The development of the exhibition’s content and its curatorial approach addressed how, over ten editions of the Olympic Games, from 1948 to 1984, women gradually gained the right to compete in the same track and field events as men — with the women’s marathon being authorized only in Los Angeles in 1984. The objective of the research — to reconstruct and narrate the stories of the sixteen athletes who composed Brazil’s women’s Olympic athletics teams throughout this long period — was to give faces to these athletes and their achievements, while also recovering their struggles as women. The project sought to inspire new generations of athletes and to contribute scientifically through the visual documentation of uniforms, symbols, press coverage, and the key figures of this untold history. Iconographic research in newspapers and other bibliographical sources revealed how the erasure of these athletes gradually occurred: although they were nominally mentioned, they were almost always replaced by photographs of male athletes, and in several cases, their stories came close to disappearing entirely. The article illustrates these findings by presenting the stories of six of these athletes — the first female team to represent Brazil in Olympic athletics — who competed at the London Games in 1948, against the backdrop of major milestones in the history of women’s athletics worldwide.

Keywords: athletics; sport; exhibition design; olympics.

LAS PRIMERAS DAMAS DEL ATLETISMO OLÍMPICO BRASILEÑO, 1948–1984

Resumen - El artículo presenta temas emergentes del recorrido de una investigación sobre la historia de las primeras atletas brasileñas que compitieron en pruebas olímpicas de atletismo. La investigación culminó en la exposición “Las Primeras Damas del Atletismo Olímpico Brasileño, 1948–1984”, realizada a finales de 2024 en el Centro Cultural Correios de Río de Janeiro, que recibió a más de 17 mil visitantes. La construcción del contenido de la exposición y la curaduría abordaron cómo, a lo largo de diez ediciones de los Juegos Olímpicos, de 1948 a 1984, las mujeres fueron conquistando gradualmente el derecho a competir en las mismas pruebas de atletismo que los hombres, siendo la maratón femenina autorizada recién en Los Angeles, en 1984. El objetivo de la investigación —reconstruir y narrar las historias de las dieciséis atletas que integraron los equipos femeninos brasileños de atletismo en ese extenso recorte temporal— fue dar rostro a las deportistas y a sus conquistas, además de rescatar sus luchas como mujeres, inspirando a nuevas generaciones de atletas y aportando conocimiento científico mediante el registro visual de uniformes, símbolos, reportajes periodísticos y personajes de esta historia no contada. La investigación iconográfica en periódicos y otras fuentes bibliográficas reveló cómo se fue produciendo el borrado de estas atletas: aunque eran mencionadas nominalmente, casi siempre eran sustituidas por fotografías de los atletas masculinos, y en varios casos, sus historias estuvieron al borde de desaparecer. El artículo ilustra estas referencias presentando las historias de seis de estas atletas —el primer equipo femenino que representó a Brasil en el atletismo olímpico— en los Juegos de Londres de 1948, con los principales hitos del atletismo femenino mundial como telón de fondo.

Palabras-clave: atletismo; deporte; diseño expográfico; olimpiadas.

*André Luís Ferreira
Beltrão*

abeltrao@espm.br

*Escola Superior de
Propaganda e
Marketing, Brasil*

*Melba Santos Porter de
Souza*

*Escola Superior de
Propaganda e
Marketing, Brasil*

*Viviane Merlino
Rodrigues Tavares*

*Escola Superior de
Propaganda e
Marketing, Brasil*

*Leandro de Andrade
Pierucci*

*Escola Superior de
Propaganda e
Marketing, Brasil*

*[http://dx.doi.org/
10.30937/2526-
6314.v10.id222](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v10.id222)*

Recebido: 10 nov 2025

Aceito: 27 abr 2026

Publicado: 01 mai 2026



Introdução

As corridas de rua têm sido uma febre em todas as cidades brasileiras, com cada vez mais adeptos e praticantes de todas as idades. Corremos por lazer e para cuidar da saúde, corremos para relaxar e para socializar.

Há quem corra meditando, concentrado nas passadas, no ritmo e na respiração, e há quem se aproveite desse estado contemplativo para criar. O romancista japonês Haruki Murakami¹ relata que começou a correr para relaxar de suas preocupações com um negócio malsucedido e, enquanto corria, começou a ter ideias que o levaram a escrever.

Como humanos, corremos todos, desde sempre. Como atletas, no entanto, a imagem masculina é frequentemente associada à robustez e resistência, enquanto a feminina, à fragilidade, delicadeza.

Nas primeiras edições dos Jogos Olímpicos modernos, as mulheres não podiam competir em provas de força e velocidade. A presença feminina em todas as delegações olímpicas só foi atingida em Londres, em 2012, e somente em Paris, 2024, as mulheres puderam competir em todas as provas.

Este artigo apresenta uma pesquisa realizada por pesquisadores do laboratório LEMBRAR/ESPM-Rio, envolvendo docentes, discentes e bolsista de iniciação científica, sobre a história das primeiras atletas femininas brasileiras a disputarem provas olímpicas de atletismo. A pesquisa culminou em uma exposição realizada no final de 2024, no Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro.

A curadoria de conteúdo da exposição tratou de como as mulheres foram, a cada edição dos Jogos, conquistando o direito de disputar, no atletismo, as mesmas provas que os homens, tendo sido a maratona feminina realizada pela primeira vez somente em Los Angeles, em 1984.

O objetivo da pesquisa foi dar rostos às 16 atletas que compuseram as equipes femininas de atletismo do Brasil nesse longo recorte temporal, resgatando suas lutas como mulheres, inspirando novas gerações de atletas e trazendo contribuição científica com o registro visual de uniformes, símbolos, reportagens jornalísticas e personagens dessa história não contada.

À medida que a pesquisa avançava, era espantoso ver como havia poucos registros fotográficos dessas atletas – apesar de nominalmente citadas em diversas matérias, seus

rostos foram apagados por serem preteridas em favor de fotografias de atletas masculinos, e, em diversos casos, suas histórias estiveram por um fio de desaparecer.

O artigo aborda essa luta das atletas femininas nos Jogos Olímpicos pelo direito de competir, destacando a história de seis integrantes da primeira equipe brasileira a representar o país no atletismo olímpico, em 1948. Essas histórias e as de outras dez atletas foram fundamentais para compor o conteúdo da exposição ‘As Primeiras-Damas Olímpicas do Atletismo Brasileiro, 1948-1984’, que recebeu mais de 17 mil visitantes e deu visibilidade aos achados da pesquisa.

Métodos e procedimentos

A pesquisa desenvolvida foi de natureza qualitativa, pois buscou obter informações factuais e imagéticas sobre a participação feminina nos Jogos Olímpicos e sobre a história das atletas. Constituiu-se como pesquisa bibliográfica e iconográfica em acervos dos clubes São Paulo e Fluminense, nos acervos pessoais de atletas pesquisadas (Melânia Luz, Benedicta Oliveira, Silvina Pereira e Conceição Geremias), jornais esportivos (Mundo Esportivo e Gazeta Esportiva) e demais fontes bibliográficas e páginas eletrônicas ligadas às Olimpíadas, ao atletismo e às atletas pesquisadas (COI, COB, CBAT).

Os achados da pesquisa foram analisados pelo método de análise de conteúdo, a partir da qual realizou-se um processo de curadoria e edição de imagens e textos, visando equalizar a visibilidade de todas as atletas para a montagem de uma exposição física no Centro Cultural Correios do Rio de Janeiro, em outubro e novembro de 2024.

O conteúdo da exposição foi posteriormente diagramado como um catálogo, e adaptado para uma exposição bilíngue na plataforma *Google Arts & Culture* (exposição em dois capítulos: <https://artsandculture.google.com/story/9AVBWt0Qv780RQ?hl=pt-BR> e <https://artsandculture.google.com/story/bgURmoCINNeGZA?hl=pt-BR>).

Achados e discussões: a participação feminina nos Jogos Olímpicos - 1948 a 1984

Para contextualizar a exposição e as lutas das atletas brasileiras, foi necessário pesquisar a história dos Jogos Olímpicos (Globo², Litvin³, Oliveira e Costa⁴) e como as mulheres neles se inseriram no recorte temporal de 1948 a 1984 (Romariz, Devede e Votre⁵, Rubio⁶).

Os Jogos Olímpicos de Verão, de 1948, que ocorreram entre 29 de julho e 14 de agosto, marcaram os tempos de paz após o fim da Segunda Guerra Mundial, com a participação de 59 países e mais de 4.000 atletas. Londres foi escolhida para sediar a competição, pois havia sido fortemente bombardeada pela Luftwaffe, entre 1940-1941, trazendo forte simbolismo ao evento. Na ocasião, a tocha olímpica viajou de barco pela primeira vez no Canal da Mancha, fortalecendo a emoção do momento.

Por ser a primeira edição dos jogos no contexto do pós-guerra, cada delegação levou sua própria comida e as medalhas concedidas foram feitas de estanho. Apesar do contexto adverso, houve um avanço tecnológico que possibilitou aferir mais precisamente o desempenho dos competidores: medidores eletrônicos passaram a ser usados para determinar a ordem de chegada dos atletas. Outro progresso foi o uso de blocos de largada nos 100 metros a 400 metros rasos do atletismo.

Fanny Blankers-Koen foi a primeira atleta a ganhar quatro medalhas de ouro no mesmo evento, vencendo as categorias de 100 e 200 metros; nos 80 metros com obstáculos e no revezamento 4x100 metros rasos. A esportista, que tinha 32 anos e era a mais velha das competidoras, foi apelidada de ‘avó’ e chamada de ‘dona de casa voadora’. O fato revelava não apenas um ato de etarismo, noção amplamente discutida nos dias de hoje, como também refletia a expectativa social em relação a mulher adulta. Simone de Beauvoir⁷ resalta que historicamente homens e mulheres ocupam papéis sociais distintos: “[...] socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo; ele é encarado antes de tudo como produtor e sua existência justifica-se pelo trabalho que fornece à coletividade (p. 166)”. Já a mulher assume “o papel de reprodutora e doméstica (p.186)”⁷ ao qual fica restrita e, conseqüentemente, “apartada da mesma dignidade (p.186)”⁷.

Em 1952, nas Olimpíadas de Helsinque, a dinamarquesa Lisa Hartel, parálitica dos joelhos, quebrou paradigmas ganhando medalha de prata em adestramento de cavalos. Sua participação foi possível porque as regras foram alteradas para que cavaleiros, que não fossem oficiais militares, pudessem competir, incluindo as mulheres. Performances como a de Hartel reiteram a luta feminina pela ocupação de espaços e reforçam a importância do esporte na reabilitação de deficientes físicos.

Para Bell Hooks⁸, o movimento feminista é uma luta que não se restringe à defesa de equidade das mulheres, mas uma luta contra qualquer tipo de opressão: “O feminismo

é um movimento para acabar com o sexismo, dominação e opressão sexistas, é uma luta que inclui esforços para acabar com a discriminação de gênero e para criar igualdade, é um movimento fundamentalmente radical (p.161)”.
Na história das Olimpíadas, cada novo espaço ocupado por mulheres foi capaz de mobilizar novas atletas a romperem barreiras. Em 1956, nas Olimpíadas de Melbourne, participaram 72 nações, representadas por 3314 atletas, sendo 376 mulheres. Nessa edição, o estilo Borboleta foi introduzido oficialmente na natação, incluindo provas de 200 metros para homens e 100 metros para mulheres. As provas incluíram treze eventos, sendo sete voltados para homens e seis para mulheres. Entre as nadadoras, Dawn Fraser obteve o resultado mais notório. Liderou a equipe australiana, vencedora no revezamento 4x100, e conquistou o ouro nos 100 metros de nado livre, batendo o recorde mundial em ambas as provas.

Um dos grandes expoentes em termos de superação foi Wilma Rudolph, revelação do atletismo feminino nas Olimpíadas de 1960, em Roma. Nascida em 1940, teve poliomielite quando criança, o que a deixou com a perna paralisada por anos. Conseguiu se recuperar, tornando-se a primeira americana a conquistar três medalhas de ouro em uma mesma edição (100m, 200m e revezamento 4x100m). Ao saber que seria realizada uma celebração em sua homenagem em Clarksville, no Tennessee, onde havia segregação, a atleta se posicionou contra o racismo. Vale lembrar que esses jogos foram os primeiros a serem transmitidos ao vivo pela televisão para mais de 20 países, contando com uma audiência de mais de 200 milhões de pessoas, o que deu ainda mais repercussão à sua atitude. O evento foi alterado e a celebridade foi recebida com um desfile composto por participantes negros e brancos em igual quantidade. O caso teve grande relevância, pois nos anos 1960, “[...] quando o movimento feminista começou, ainda era raro haver integração racial. Várias pessoas negras estavam aprendendo a interagir com as brancas, fundamentadas na ideia de se tornarem parceiras pela primeira vez (p.91).”⁸. A celebração de Clarksville foi a concretização desse ideal.

As Olimpíadas sempre desempenharam um papel importante na promoção da diversidade cultural, reunindo diferentes nações em torno do esporte. Os jogos de 1964, em Tóquio, foram um marco por ser a primeira edição asiática. As competições contaram com alguns avanços tecnológicos e comunicacionais que ampliaram a repercussão das conquistas esportivas. Os japoneses criaram um computador capaz de registrar os tempos

As Olimpíadas sempre desempenharam um papel importante na promoção da diversidade cultural, reunindo diferentes nações em torno do esporte. Os jogos de 1964, em Tóquio, foram um marco por ser a primeira edição asiática. As competições contaram com alguns avanços tecnológicos e comunicacionais que ampliaram a repercussão das conquistas esportivas. Os japoneses criaram um computador capaz de registrar os tempos

dos atletas, transmitindo os dados imediatamente para a imprensa. A edição contou com a primeira transmissão televisiva por satélite, promovida pela empresa NHK. Ao todo, quarenta redes internacionais de TV transmitiram o evento.

Entre as performances mais relevantes, destaca-se a da ginasta soviética Larissa Latynina, nascida na Ucrânia. Ela já havia brilhado nos jogos de 1954, conquistado quatro medalhas de ouro e em Roma, onde ganhou outras três: duas de prata e uma de bronze. Porém, sua carreira atingiu o auge em Tóquio: duas medalhas de ouro (por equipe e no solo), duas de prata (individual geral e salto sobre o cavalo) e duas de bronze (trave e barras assimétricas). Seu recorde de pódios olímpicos só foi superado, em 2008, pelo nadador Michael Phelps. Latynina esteve entre as mulheres que pavimentaram o caminho para que novas gerações de atletas pudessem superar obstáculos. Alves e Pitanguy⁹ ressaltam que “A história é feita de processos coletivos e também de indivíduos. As lutas de mulheres em diferentes países trazem o feminismo para a arena pública e suas precursoras incidem sobre o movimento em uma dinâmica de fortalecimento mútuo da causa (p.104)”⁹.

A evolução da participação feminina nas Olimpíadas ganhou mais significado no México, em 1968, quando a esportista mexicana Norma Enriqueta Basilio Sotelo foi a última pessoa a carregar a tocha olímpica e a primeira mulher a acender a pira. A tocha ficou conhecida como “espírito do Novo Mundo”, porque celebrava a conexão entre as civilizações latino-americanas. A chama seguiu o caminho feito por Cristóvão Colombo, percorrendo 13.620 km, dos quais 11.090 foram por mar. Os jogos de 1968 também ficaram conhecidos por algumas inovações, como a aplicação do tartan nas pistas de corrida, o uso de cronometragem eletrônica e a realização de testes antidoping.

No atletismo, duas mulheres alcançaram resultados importantes: a norte-americana Wyomia Tyus, que bateu o recorde mundial nos 100 metros rasos em 11,8 segundos, a primeira atleta, entre homens e mulheres, a ganhar duas vezes consecutivas a prova; e Norma Sotelo, que fez jus à posição de destaque que lhe foi concedida na cerimônia de abertura, ganhando o ouro na categoria de 80 metros com barreiras e na modalidade de 400 metros. O fechamento das Olimpíadas do México foi tão impactante quanto a sua abertura: dez mil pombas foram soltas como símbolo de paz entre as nações.

As Olimpíadas de Munique, em 1972, prestaram homenagem às vítimas dos campos de concentração da 2ª Guerra Mundial³. O evento também se tornou célebre por

implementar o primeiro sistema de pictogramas para representar cada esporte, que buscavam transmitir de modo universal as informações, atingindo o público de diversas culturas. Outro marco foi a adoção de uma mascote. Algumas mulheres se destacaram: a ginasta Olga Korbut, nascida na Bielorrússia, foi tri-medalhista de ouro, ganhando a competição na trave, no solo e no concurso completo por equipes, além da prata nas barras assimétricas. Também foi notória a performance da alemã Ulrike Meyfarth, que, aos 16 anos, foi vitoriosa no salto em altura, consagrando-se como a atleta mais jovem a ganhar uma medalha de ouro.

Outro nome de destaque foi a cavaleira britânica Lorna Johnstone, de 70 anos. Sua participação trouxe a reflexão sobre os anseios das atletas da terceira idade que desejavam continuar praticando o esporte ao qual dedicaram boa parte de suas vidas, desafiando não apenas seus limites físicos, mas aqueles impostos pela sociedade. Beauvoir⁷ ressalta que os costumes do ser humano não se deduzem da Biologia, mas obedecem a uma segunda natureza que é o costume, pois “não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza (p.64)”⁷.

Na sequência, as Olimpíadas de Montreal, 1976, transcorreram em clima de paz. Tinham o castor Amik como mascote. Entre as novidades: a inclusão das modalidades de basquete, remo e handebol. O desempenho feminino mais marcante foi da ginasta romena Nadia Comaneci: cinco medalhas com 14 anos de idade, 40 quilos e 1,48 metro de altura, sendo três de ouro, uma prata e uma bronze: nas modalidades barras assimétricas, trave e solo.

Não é à toa que em sua proposta de periodização dos Jogos Olímpicos, Katia Rubio¹⁰ nomeia o período compreendido entre 1948 e 1984 como fase de conflito, sobretudo pelo caráter político de que o mundo pós-guerra revestiu os Jogos, manipulando-os como uma disputa de poder político e social em que a contagem de medalhas parecia significar a superioridade dos países. Isto se deu sobretudo no embate entre os dois grandes blocos políticos formados por países capitalistas e países socialistas, a Guerra Fria.

Nos anos 1980, a partir da invasão do Afeganistão pela extinta União Soviética em 1979, ocorreram diversos protestos contra a realização das Olimpíadas em Moscou, com desdobramentos que levaram ao boicote norte-americano aos Jogos¹⁰. Contudo, a

cidade sediou as competições com 81 dos 142 países originalmente inscritos¹⁰. Pela primeira vez uma cubana, Maria Caridad Colón, conquistou o ouro.

Quatro anos depois, foi a vez de 16 países do bloco socialista boicotarem os Jogos de Los Angeles, alegando insegurança perante a instalação de mísseis norte-americanos na Europa¹⁰.

Na Olimpíada de Los Angeles, 1984, a maratona, os 400 metros com barreiras e os 3000 metros passaram a integrar os jogos, bem como a ginástica rítmica e o nado sincronizado individual – modalidade suspensa em 1992. Sobre a participação feminina, destacam-se a americana Joan Benoit, vencedora da primeira maratona olímpica feminina, e a atleta Nawal El Moutawekel, do Marrocos, que conquistou o primeiro lugar nos 400 metros, tornando-se a primeira competidora olímpica de um país islâmico a ganhar um ouro. A atiradora de arco e flecha neozelandesa Neroli Fairhall, que aos 22 anos havia sofrido um acidente de moto, tornou-se a primeira paratleta a participar das olimpíadas.

Neste contexto, percebe-se que o esporte é capaz de derrubar barreiras culturais, permitindo que mulheres de diferentes origens exerçam seu potencial físico e emocional. As trajetórias femininas reforçam que a conquista de espaço foi árdua, porém importante para fomentar as discussões sobre igualdade e fraternidade. As discussões permeavam cada vitória alcançada pelas atletas, mesmo quando elas não adotavam um discurso de classe. Para Tiburi¹¹

O feminismo nos ajuda a melhorar o modo como vemos o outro. O direito de ser quem se é, de expressar livremente a forma de estar e de aparecer e, sobretudo, de se compadecer é ao que o feminismo nos leva. A postura autocrítica necessária [...] é construída em processos de aprendizagem que envolvem o nosso próprio desenvolvimento como pessoas (p.23).

Achados de pesquisa: a primeira equipe olímpica do atletismo feminino brasileiro

Embora as provas femininas de atletismo tenham sido introduzidas nos Jogos de Amsterdã, em 1928, a participação brasileira nessa modalidade só ocorreu nos Jogos de Londres, em 1948. A equipe pioneira era composta por 6 atletas: Benedicta Souza de Oliveira (20 anos), Elizabeth Clara Müller (22 anos), Gertrudes Ida Morg (23 anos) Helena Cardoso de Menezes (21 anos), Lucila Batista Pini (17 anos) e Melânia Luz dos Santos (20 anos), a primeira atleta negra brasileira a competir nas Olimpíadas¹⁴ conferindo ao feito um caráter ainda mais histórico (figura 1).

Figura 1 – A primeira delegação olímpica brasileira feminina de atletismo – Londres 1948.



Fonte: Revista FonFon.

Contudo, a estreia olímpica das atletas teve pouca repercussão no Brasil. A cobertura da imprensa, inclusive, foi mínima, evidenciando os preconceitos inerentes à inclusão feminina no esporte à época. Como achado de pesquisa, este tópico compila informações sobre a vida e a carreira dessas 6 mulheres, pesquisadas em fontes oficiais, como o Comitê Olímpico Internacional (COI), Comitê Olímpico do Brasil^{12,13} e Confederação Brasileira de Atletismo^{14,15}, publicações científicas, entrevistas e reportagens de jornais, sites e revistas especializadas em esportes.

Benedicta Souza de Oliveira, nascida em 10 de outubro de 1927 na cidade de Jundiaí (SP), consolidou-se como uma das figuras mais notáveis do atletismo nacional. Sua jornada competitiva teve início na Associação Desportiva Floresta de São Paulo (atualmente Clube Esperia) e, posteriormente, na Sociedade Esportiva Palmeiras. Conquistou os títulos de campeã paulista, brasileira e sul-americana nos 100 metros rasos. Com apenas dois anos de carreira, a velocista representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres, competindo nos 100 metros rasos e no revezamento 4x100m. Após sua estreia olímpica, Benedicta continuou a colecionar triunfos, quebrando recordes e garantindo medalhas em competições nacionais e internacionais. Dentre seus êxitos, destacam-se:

- Campeonato Sul-Americano de Lima (1949): Medalha de ouro no revezamento 4x100m e duas medalhas de bronze nos 100 e 200 metros rasos.
- Campeonato Sul-Americano de Buenos Aires (1952): Medalha de prata no revezamento 4x100m.
- Campeonato Sul-Americano de São Paulo (1954): Medalha de ouro nos 100 metros rasos, prata no revezamento 4x100m e bronze nos 200 metros rasos.

Sua aposentadoria das pistas marcou o início de uma nova etapa de sua carreira, dedicada ao desenvolvimento e gestão no esporte. Benedicta atuou como treinadora da seleção brasileira, conduzindo-a à vitória no Campeonato Sul-Americano do Rio de Janeiro em 1965. Adicionalmente, liderou a delegação feminina de atletismo em três edições dos Jogos Pan-Americanos (1971, 1975 e 1983), bem como nas Olimpíadas de Montreal, em 1976. Com formação em Educação Física e Comunicação, ao longo de 29 anos, a ex-atleta dedicou-se ao treinamento de jovens talentos no Clube Esperia. Benedicta Souza de Oliveira, figura central na ascensão do atletismo feminino brasileiro, faleceu em 2020, aos 92 anos de idade.

Elisabeth Clara Müller, nascida em 6 de março de 1926 na cidade de São Paulo (SP), iniciou sua trajetória no atletismo precocemente, aos 14 anos, representando o Sport Club Germânia, atualmente conhecido como Clube Pinheiros. Foi uma das pioneiras em um período caracterizado pela escassez de competições regulares para mulheres. Em 1940, participou do 1º torneio feminino do Campeonato Brasileiro de Atletismo, ocasião em que estabeleceu o primeiro recorde nacional nos 200 metros rasos.

Especializada em salto, velocidade e arremesso de peso, a atleta conquistou 8 títulos sul-americanos e quebrou 23 recordes brasileiros em diversas modalidades. Nos Jogos de Londres, em 1948, participou das provas de salto em altura, arremesso de peso, 100 metros rasos e revezamento 4x100m. A atleta acumulou 24 títulos nacionais e 18 medalhas em competições internacionais. Entre suas principais conquistas, destacam-se:

- 8 Campeonatos Sul-Americanos (1941 a 1956): Com um total de 8 medalhas de ouro, 5 medalhas de prata e 4 medalhas de bronze.
- 1945: Recebeu o “Helms World Trophy”, como a melhor atleta sul-americana do ano.
- Pan-Americano de Buenos Aires (1951): Medalha de bronze no salto em altura.

Após 16 anos competindo como atleta de alto rendimento, Elisabeth Clara Müller retirou-se das pistas, mas não se afastou do universo esportivo. Ela atuou como apresentadora na Rádio Pan-Americana, como redatora no Diário de São Paulo e, ainda, como diretora na Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. Dedicou-se também à pesquisa, contribuindo para a história do atletismo brasileiro. Faleceu em 2010, como uma das maiores referências femininas no esporte nacional.

Gertrudes Ida Morg, nascida em 10 de abril de 1925, na cidade de Nova Friburgo (RJ), foi uma figura proeminente no atletismo feminino brasileiro. Sua carreira teve início na categoria juvenil do São Paulo Futebol Clube, onde rapidamente despontou como velocista.

Sua ascensão no esporte foi marcada pela conquista da medalha de prata na prova dos 200 metros rasos do Campeonato Paulista, em 1944. No ano seguinte, consolidou-se como parte da equipe campeã do revezamento 4x100m na primeira edição do Troféu Brasil de Atletismo, evidenciando seu papel de destaque na modalidade.

Após sua transferência para o Clube Tietê, Gertrudes Morg estabeleceu um recorde brasileiro no salto em distância, um feito que garantiu sua participação nas Olimpíadas de Londres, em 1948. Nestes Jogos, ela competiu no salto em distância, mas não se classificou para a final, e figurou como atleta reserva da equipe que disputou a prova do revezamento 4x100m.

As informações sobre Gertrudes Morg após o encerramento de sua carreira no esporte são escassas. Sabe-se que, um ano após sua participação nos Jogos de Londres, ela se casou e, aparentemente, dedicou-se à vida familiar. Faleceu em 2016, aos 90 anos, deixando seu nome marcado na história do atletismo feminino brasileiro.

Helena Cardoso de Menezes, nascida em 22 de janeiro de 1927, na cidade de Salvador (BA), iniciou-se no esporte com o objetivo de cursar Educação Física, o que a levou a mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro. Sua carreira como atleta começou em 1947, quando ingressou no Fluminense F.C., clube que se tornaria o berço de sua vitoriosa trajetória esportiva.

Em 1948, apenas um ano após estreiar em competições, Helena de Menezes tornou-se a primeira velocista do país a competir nas Olimpíadas. Nos Jogos de Londres, ela participou das provas de 100 e 200 metros rasos. Quatro anos mais tarde, em 1952, representou novamente o Brasil nas Olimpíadas de Helsinque, competindo nas provas de

100 metros rasos e salto em distância. Ao longo de sua carreira, Helena conquistou importantes títulos nacionais e internacionais. Foi campeã brasileira e sul-americana, estabelecendo recordes continentais que a consolidaram como uma das principais atletas de sua geração. Entre suas participações em competições de destaque, figuram:

- Jogos Pan-Americanos de Buenos Aires (1951), onde alcançou o 4º lugar no revezamento 4x100m e as semifinais dos 200 metros rasos.
- Campeonato Sul-Americano de Buenos Aires (1952), onde conquistou a medalha de prata no revezamento 4x100m.

Após sua aposentadoria das competições, Helena Cardoso de Menezes permaneceu ativamente ligada ao esporte. Sua contribuição se estendeu para além das pistas, atuando como professora de Educação Física, dirigente e membro do Conselho Deliberativo do Fluminense F.C. Faleceu em 2020, aos 93 anos de idade.

Lucila Batista Pini, nascida em 30 de outubro de 1930, na cidade de São Paulo (SP), foi uma das mais promissoras atletas do Brasil em sua época e, ao longo de sua carreira, representou o Esporte Clube Pinheiros e o São Paulo Futebol Clube.

A velocista participou de diversas edições do Troféu Brasil de Atletismo e do Campeonato Paulista durante a década de 1940 e logo se notabilizou no cenário nacional. Sua performance consistente nesses eventos a qualificou para integrar a delegação brasileira nos Jogos de Londres. Com apenas 17 anos, a mais jovem entre as atletas brasileiras, obteve o 3º lugar na Série 3 dos 200 metros rasos e o 4º lugar na Série 1 da fase preliminar do revezamento 4x100m, estabelecendo o recorde sul-americano da prova com sua equipe. Entretanto, para a imprensa brasileira, o feito foi caracterizado como evidência da “sorte” reservada “ao atletismo feminino de nossa terra (p.10)”¹⁶. Embora os resultados detalhados de cada torneio não sejam amplamente acessíveis, na carreira da atleta destacam-se conquistas, tais como:

- Campeonato Paulista Juvenil (1946): Medalha de ouro e recorde sul-americano na prova dos 75 metros rasos e no revezamento 4x100m.
- Troféu Vigor (1946): Medalha de ouro e recorde sul-americano no revezamento 4x200m.
- Campeonato Sul-Americano de Buenos Aires (1949): Medalha de ouro no revezamento 4x100m.

- Campeonato Brasileiro de Atletismo (1951): Medalha de ouro no revezamento 4x100m.
- Campeonato Sul-Americano de Lima (1952): Medalha de ouro e recorde sul-americano no revezamento 4x100m.

Lucila Batista Pini, eterna pioneira do atletismo olímpico brasileiro, faleceu precocemente em 1974, aos 44 anos de idade.

Melânia Luz dos Santos, nasceu em 17 de maio de 1928, na cidade de São Paulo (SP), mas só foi registrada em 1º de junho do mesmo ano. Começou a praticar atletismo em 1946, no São Paulo Futebol Clube. Em 1947, conquistou medalhas no Campeonato Sul-Americano de Santiago e, no ano seguinte, fez história ao participar dos Jogos de Londres. A primeira atleta negra brasileira a competir nas Olimpíadas ficou em 4º lugar na bateria eliminatória dos 200 metros rasos e no revezamento 4x100m, mesmo fora da briga por medalha, bateu o recorde sul-americano da prova com suas companheiras.

A trajetória de Melânia Luz foi permeada por desafios. No Brasil, àquela época, o esporte era majoritariamente amador, exigindo que a atleta conciliasse os treinamentos com o trabalho de técnica de laboratório. Apesar das dificuldades, entre 1947 e 1958, Melânia participou de seis campeonatos Sul-Americanos e de várias edições do campeonato brasileiro, quebrando recordes, conquistando títulos e colecionando medalhas. Após aposentar-se das provas de alto rendimento, continuou ligada ao atletismo, competindo na categoria de veteranos. Em 1997, prestes a completar 70 anos, disputou o Mundial de Durban.

Durante décadas, o protagonismo e a relevância de Melânia na história do atletismo brasileiro foram subestimados. Nem mesmo os seus familiares tinham a noção exata de sua grandeza: "Só comecei a entender o tamanho do feito de minha avó quando canais de TV passaram a procurá-la para entrevistas. Até uns 20 anos atrás, eu não tinha ideia. Sabia que ela era muito querida e respeitada. Todo mundo adorava minha avó. Mas só fui entender a importância da ida dela aos Jogos Olímpicos depois de muito tempo", declarou Thiago dos Santos Mariano Pires, neto da atleta¹².

Melânia Luz dos Santos faleceu em 2016, aos 88 anos. Ela foi postumamente homenageada em diversas ocasiões por sua contribuição pioneira ao esporte. Em 2020, recebeu o título de Emérita da Confederação Brasileira de Atletismo^{14,15}. Três anos

depois, em 2023, seu nome foi incluído no Hall da Fama do Comitê Olímpico do Brasil¹², e o São Paulo Futebol Clube lançou uma mascote, "Mel", em sua homenagem.

Para as atletas brasileiras, o progresso de participação nos Jogos Olímpicos reflete a conquista gradual de seus direitos sociais. As seis pioneiras não trouxeram medalhas, mas superaram preconceitos e proibições, deixando um legado que moldou o cenário do atletismo feminino no Brasil e inspirou gerações de esportistas.

Contando as histórias: a exposição

A criação da exposição envolveu uma cuidadosa curadoria dos materiais encontrados, com o objetivo de registrar a participação feminina nos Jogos Olímpicos, dar visibilidade às lutas e conquistas das atletas brasileiras, incentivar a prática de esportes e combater o apagamento histórico dessas mulheres.

O projeto de design da exposição envolveu professores, estudantes e a bolsista de iniciação científica, abrangendo a criação de uma identidade visual, o projeto expositivo e a produção de vídeos. Ao longo do projeto, a bolsista desenvolveu também uma pesquisa de Design de Informação como suporte à produção da exposição, que foi apresentada no Seminário Interno de Iniciação Científica ESPM.

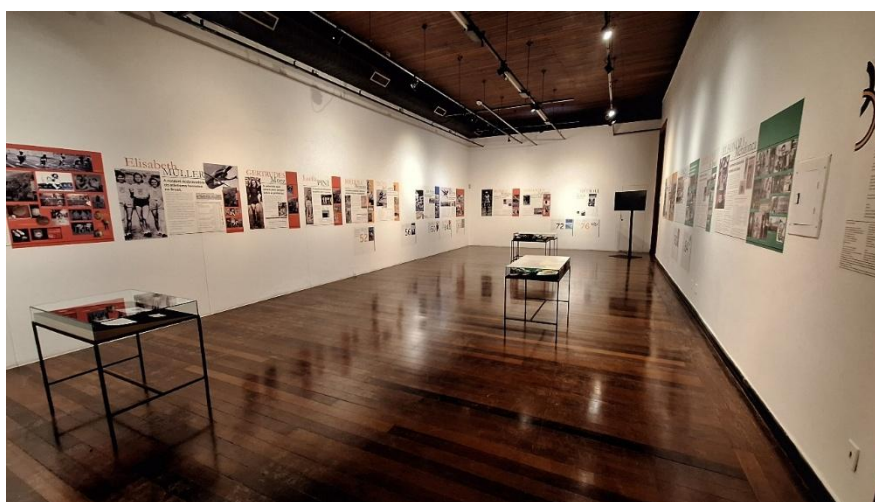
A pesquisa de Design de Informação foi essencial porque uma exposição deve ser lida como se lê um livro – o projeto expositivo precisa organizar o conteúdo em uma ordem lógica e coerente, de modo que textos, imagens e elementos gráficos sejam transmitidos de forma eficiente e compreensível:

Na organização das peças da exposição, os conceitos de proximidade, alinhamento, contraste, equilíbrio e repetição foram aplicados para criar uma linguagem visual que dialogasse com os valores olímpicos e, ao mesmo tempo, reforçasse a identidade das atletas retratadas. A aplicação de cores e tipografias inspiradas nas fontes oficiais das Olimpíadas reforçou a intenção de alinhar o projeto visual a um repertório reconhecível e respeitável e reforçar visualmente a temática da exposição¹⁷.

A exposição adotou as cores presentes nos aros olímpicos como paleta, utilizando-as em todos os elementos gráficos. O conteúdo foi estruturado em dois grandes blocos: painéis dedicados às histórias das atletas e painéis com informações sobre cada edição dos jogos (Figura 2).

Os painéis sobre as atletas brasileiras foram dispostos em sequência cronológica, apresentando textos, imagens de manchetes de jornais e fotos de momentos relevantes de cada atleta. As cores foram utilizadas para agrupar visualmente as atletas que disputaram cada Olimpíada, — começando pelas atletas de 1948, em vermelho, seguidas pelas de 1952, em amarelo, e assim por diante. Esse recurso permitiu que fosse possível identificar visualmente em quais edições havia maior ou menor número de atletas e quais delas competiram em mais de uma edição.

Figura 2– Sala de exposição



Fonte: André Beltrão, 2024.

Os painéis com informações sobre cada Olimpíada foram posicionados abaixo da primeira atleta que competiu naquela edição, seguindo o mesmo código cromático. Apresentavam informações culturais e curiosidades olímpicas sobre a participação feminina nos Jogos e compunham uma linha do tempo visual que posicionava as atletas historicamente. No centro da sala foram montadas vitrines com medalhas e uniformes utilizados nas competições, alguns dos quais figuravam nas fotos dos painéis, e um monitor exibia filmes com entrevistas e documentários sobre algumas das atletas retratadas.

Para a adaptação da exposição para a plataforma *Google Arts and Culture*, foi necessário reorganizar o conteúdo em dois volumes: o primeiro, dedicado ao conceito da

pesquisa e à apresentação das primeiras atletas olímpicas de 1948; e o segundo, voltado às demais pioneiras, organizadas segundo a linha do tempo.

Considerações finais

A pesquisa teve como objetivos principais conhecer e tornar públicas as lutas e conquistas das mulheres que compuseram as primeiras equipes femininas de atletismo do Brasil nos Jogos Olímpicos. O impacto de conhecer essas histórias, em si, é incrível e inspirador.

Internacionalmente, a participação feminina nas Olimpíadas entre 1948 e 1984 foi notável, evidenciando o potencial físico e emocional de atletas das mais diversas origens. A conquista de espaço nos esportes refletia a luta por igualdade que marcou esse período. Foram impactantes as performances da atleta holandesa Fanny Blankers-Koen de 38 anos em Londres (1948) e da cavaleira britânica Lorna Johnstone aos 70 anos em Los Angeles (1984), pois elas ampliaram o debate sobre etarismo, alcançando resultados inesperados mesmo sendo mais velhas do que as demais competidoras. Do mesmo modo, foram importantes as contribuições da adestradora de cavalos dinamarquesa Lisa Hartel em Helsinque (1952) e da atiradora de arco e flecha neozelandesa Neroli Fairhall em Los Angeles (1984). Ambas foram precursoras das paralimpíadas, combatendo a ideia de que portadores de deficiência são menos capazes no esporte. Por fim, cabe lembrar que a luta contra o racismo sempre esteve presente nos Jogos. Nesse sentido, destacou-se a atitude da atleta norte-americana, Wilma Rudolph, que após conquistar três ouros em Roma (1960), posicionou-se publicamente contra a segregação. Juntas elas representaram várias classes que lutavam por equidade de gênero, despertando o espírito de resistência que, segundo Hooks⁸, contribuiu para a libertação da mulher contemporânea.

Apesar das mulheres terem sido protagonistas de diversas conquistas ao longo da história, houve um apagamento desses momentos, que fica evidente na cultura de mídia e na dimensão política da língua. Michelle Perrot¹⁸ é uma das que observa o apagamento das mulheres a partir do uso da gramática, quando se usa o masculino no plural ‘eles’ dissimulando ‘elas’ para abordar os dois sexos.

A esse respeito, Beauvoir⁷ aponta a ‘condição feminina’ dada socialmente como a grande raiz da desigualdade que se estabelece ainda hoje entre homens e mulheres. A autora aponta que o homem nasce sujeito. A mulher precisa tornar-se. É nesse sentido, de

como a mulher é construída socialmente, a partir das relações sociais, culturais, da cultura de mídia, que Margaret Mead¹⁹ fala de condicionamento das personalidades sociais dos dois sexos. Entre suas conclusões estaria a de que a sociedade atribui diferentes papéis aos dois sexos desde a infância.

Na pesquisa sobre as atletas brasileiras, observamos como essa realidade se manifestou sobretudo entre as pioneiras, que, em muitos casos, não eram de famílias abastadas, não contavam com patrocinadores nem com qualquer tipo de apoio para treinar e se dedicar ao esporte, como acontecia com muitos atletas masculinos. Reportagens jornalísticas da época afirmavam que o atletismo ‘abrutalhava’ a mulher, prejudicava sua beleza e até atrapalhava sua rotina doméstica.

Melânia Luz, a primeira atleta negra a representar o Brasil no atletismo olímpico, por exemplo, trabalhou por 30 anos como técnica de laboratório em um hospital público, podendo treinar apenas aos sábados e domingos. Já em 1964, Aída dos Santos foi a única mulher brasileira na delegação olímpica: não recebeu uniforme para competir e precisou usar tênis emprestados.

Assim como essas, muitas outras histórias de superação e conquistas foram reveladas pela pesquisa. Apresentar essas lutas ao público em uma exposição pode gerar um impacto profundo, pois seu conteúdo é motivador para novos atletas e contribui para a construção de referências históricas.

Nesse contexto, destacam-se a redescoberta da atleta Melânia Luz — cuja relevância era desconhecida até mesmo por seus familiares — e o resgate da trajetória de Irenice Rodrigues, cuja carreira foi apagada e interrompida pela ditadura militar. O Instituto Eleonora Mendonça (IEM), parceiro do LEMBRAR-ESPM na pesquisa, atua ativamente no resgate dessas memórias, reunindo itens de acervo como medalhas, uniformes e fotografias de algumas das atletas investigadas, além de já ter realizado outras exposições menores. A importância desse acervo pode ser ilustrada pela recente solicitação de imagens ao IEM para a inclusão de Melânia Luz no Hall da Fama do COB¹².

A exposição “As Primeiras-Damas Olímpicas do Atletismo Brasileiro, 1948-1984”, recebeu um público de 17249 visitantes, tendo sido amplamente divulgada pela imprensa. Durante a pesquisa, a atleta Aída Soares foi homenageada com a criação de um campo de esportes pela Universidade Federal Fluminense e a atleta Silvina Pereira teve

um campeonato de atletas master criado em seu nome. Os pesquisadores foram convidados a entregar troféus neste torneio.

No dia da abertura da exposição ao público, foi realizada uma mesa redonda com o presidente da Confederação Brasileira de Atletismo, o diretor do Centro Cultural Correios e duas das atletas olímpicas retratadas – Silvina Pereira e Eleonora Mendonça. Estiveram presentes outros atletas olímpicos veteranos, estudantes universitários e pesquisadores de esporte. Neste evento foi anunciada a criação de dois prêmios de atletismo homenageando atletas participantes da exposição: Melânia Luz e Conceição Geremias. Na ocasião, também foi lançada uma campanha para a aquisição de próteses para a atleta Conceição Geremias, que havia passado por uma amputação. A iniciativa foi bem-sucedida e permitiu que, poucos meses depois, a atleta disputasse suas primeiras provas como paratleta e voltasse a conquistar títulos.

Por fim, a adaptação do conteúdo para a plataforma *Google Arts and Culture*, disponibilizando textos bilíngues e catálogos em formato .pdf com a versão integral dos painéis da exposição tornou o acesso aos achados da pesquisa gratuito, permanente e universal.

Referências

- 1 Murakami H. Do que eu falo quando falo de corrida. São Paulo: Alfaguara; 2010.
- 2 História dos Jogos Olímpicos: de Londres -1948 a Los Angeles – 1984 [citado 23 ago 2025]. O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/esportes/historia-dos-jogos-olimpicos-de-londres-1948-los-angeles-1984-19568408>.
- 3 Litvin A. 1.000 curiosidades olímpicas que todo recordista deveria saber. São Paulo: Vergara & Riba Editoras; 2016.
- 4 Oliveira GSA; Costa JS. Atletismo feminino nos Jogos Olímpicos. In DaCosta L(Org.). Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFEEF; 2006
- 5 Romariz SB, Devide FP, Votre S. Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; 2006.
- 6 Rubio K Histórias olímpicas a evolução da presença feminina desde a 1a edição dos jogos [citado 23 ago 2025]. Ge. Disponível em <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/2024/07/23/historias-olimpicas-6-a-evolucao-da-presenca-feminina-desde-a-1a-edicao-dos-jogos.ghtml>.
- 7 Beauvoir S. O segundo sexo: a experiência vivida. Rio de Janeiro, Nova Fronteira; 2019.
- 8 Hooks B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2025.
- 9 Alves BM, Pitangy J. O que é feminismo. Rio de Janeiro: Bazar dos tempos; 2022.
- 10 Rubio K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Rev. Brasileira de Educação Física e Esporte*. 2010;24(1):55-68.

11 Tiburi M. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 2019.

12 COB. Hall da Fama [citado 23 ago 2025]. COB. Disponível em <https://www.cob.org.br/eventos/hall-da-fama/melania-luz>.

13 COB. Londres 1948, a participação do Brasil [citado 23 ago 2025]. COB. Disponível em <https://www.cob.org.br/time-brasil/participacoes/1975-londres>.

14 CBAT. Há 100 anos, em Paris, o atletismo do Brasil iniciava sua história nos Jogos Olímpicos [citado 23 ago 2025]. CBAT. 2024. Disponível em <https://cbat.org.br/noticia/106254/ha-100-anos-em-paris-atletismo-do-brasil-iniciava-sua-historia-nos-jogos-olimpicos>.

15 CBAT. Nossos Olímpicos de Sempre [citado 23 ago 2025]. CBAT. Disponível em <https://cbat.org.br/atletismo/116/nossos-olimpicos-de-sempre>.

16 Dois recordes superados no certame eliminatório de Atletismo [citado 23 ago 2025]. *Correio Paulistano*, São Paulo, 20 abr. 1948, edição 28233. Disponível em https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=090972_09&pasta=ano%201948&pesq=%22ao%20atletismo%20feminino%20de%20nossa%20terra%22&pagfis=37268

17 Matriciano B, Beltrão A. Programação visual da exposição “As Primeiras Damas Olímpicas do Atletismo Brasileiro – 1948/1984: uma Odisséia” In: 14o. SEMIC ESPM. São Paulo: 2025.

18 Perrot M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto; 2019.

19 Mead M. *Sexo e temperamento*. Debates: Antropologia. São Paulo: Perspectiva; 2015.